

Onésimo Teotónio Almeida

A Obsessão da Portugalidade

Identidade, Língua, Saudade & Valores



QUETZAL língua comum | Onésimo Teotónio Almeida

A Obsessão da Portugalidade

Índice

Portugal – <i>Outra vez?</i>	15
------------------------------------	----

I PARTE IDENTIDADE

A questão da identidade nacional na escrita portuguesa pós-25 de Abril	29
Identidade nacional: algumas achegas ao debate português	49
Identidade cultural: em busca de alguma clareza	71

II PARTE LÍNGUA E LUSOFONIA

Algumas reflexões sobre língua – o que ela não é nem pode ser	95
Lusofonia – línguas-pátria de uma língua expatriada	109
Língua e mundividência – ou como a língua reflete a cultura	121

III PARTE SAUDADE

Filosofia da saudade, filosofia portuguesa: alguns equívocos	153
---	-----

A saudade e os saudosistas: a «conversa» entre António Sérgio e Teixeira de Pascoaes	195
Devaneios da saudade na sua versão galega	213
Saudade – um mistério sem grande mistério	223

IV PARTE

VALORES E MUDANÇAS CULTURAIS

O paradigma perdido – ou as mudanças na nossa escala de valores	231
Valores e ideologia do salazarismo – ou o imaginário de duas gerações	253
Estrangeirados – os valores do outro lado da nossa fronteira	267
MITO, UTOPIA E VERDADE – UM VOO SOBRE SEIS SÉCULOS ...	287

APÊNDICES

DUAS REFLEXÕES PARA FORA DO RETÂNGULO

A boca de Lula sobre Portugal	303
Portugal em versão para estrangeiros	309
<i>Proveniência dos textos</i>	317
<i>Índice onomástico</i>	323
<i>Índice analítico</i>	332

*Para Vasco Graça Moura,
finalmente!*

«Através das instituições, ritos, memórias, valores e símbolos os indivíduos estão relacionados em grupos sociais que podem perpetuar-se por gerações e influenciar a conduta dos seus membros, não apenas por meio de recompensas e sanções mas em consequência da socialização, do exemplo, da criação de mitos, da ideologia e do simbolismo.»

ANTHONY D. SMITH, *Nationalism and Modernism*

«As palavras são rótulos que se pegam às cousas, não são as cousas.»

JOSÉ SARAMAGO, *As Intermittências da Morte*

«As coisas mudam de nome, mas o nome não muda as coisas.»

FRANCISCO CARMO

(Saudoso professor da minha juventude.)

«Não podemos falar de condições inelutáveis, não podemos dizer que «fomos sempre assim», porque se tivéssemos sido sempre assim não tínhamos feito os Descobrimentos. Eu estava convencido, até acontecer a crise, de que finalmente estávamos a superar a situação [...]»

BOAVENTURA de SOUSA SANTOS
em entrevista ao *Expresso*.

Portugal – *Outra vez?*



AO LONGO DOS ANOS ACUMULEI tal profusão de apontamentos para incluir na introdução deste livro que, na altura de escrevê-la, confesso-me algo perdido ao tentar seleccionar e ordenar tudo em sequência lógica. A solução pragmática será tratá-los isoladamente, sem perder de vista a sensatez de os resumir ao essencial. Daí a forma do que se segue:

1. Portugal não sofre de falta de identidade, mas de hiperidentidade, disse Eduardo Lourenço, não recordo se exactamente nestes termos. Deve ter razão, como aliás é seu apanágio, digamo-lo sem favor. Com enorme frequência surgem livros com Portugal em título, interrogando-se sobre quem somos, porque somos assim, ou como modernizar Portugal sem abandonar o seu passado, elaborando diagnósticos do País, apontando-lhe as mazelas e sugerindo-lhe medicação.

O presente livro — convém que seja dito logo de início — não pretende fazer nenhum diagnóstico, nem oferecer qualquer receita. E no entanto resulta de um profundo interesse pelos destinos de uma cultura de que continuo a sentir-me inteiramente parte, mesmo depois de mais de quatro dezenas de anos de vida nos Estados Unidos.

Desde cedo, era ainda emigrante *green*, como aqui chamam aos recém-chegados, começaram a pedir-me que explicasse a cultura portuguesa a professores que lidavam diariamente com crianças acabadas de chegar de Portugal, especialmente dos Açores. Porque eram assim e assado? Porque não faziam x e tinham os hábitos y e z ? Pus-me então a ler tudo o que conseguia encontrar sobre cultura portuguesa e, em pouco tempo, dei comigo a oferecer ações de formação para professores do ensino primário e secundário. O treino que ia recebendo na pós-graduação em Filosofia ajudava-me a ler criticamente os textos que me iam caindo nas mãos.

As estranhas voltas da vida puseram-me numa situação que acabou definindo um rumo: a criação em data de um Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University, que me permitiu ao tempo obter duplo estatuto com dois bilhetes de identidade: um de estudante de pós-graduação em Filosofia e outro de *lecturer* no novo Centro, onde, entre outras coisas, comecei a lecionar cultura portuguesa. Em Portugal estava-se na loucura pós-25 de Abril e eu tinha de me orientar por mim próprio, em caminhada quase a solo, estruturando esse e outros seminários. Não demorou muito até esse sobre cultura portuguesa ficar organizado em torno do que, das minhas leituras, me pareciam ser os temas recorrentes na nossa História: por outras palavras, aquilo que após o 25 de Abril se vulgarizou apelar «a questão da identidade nacional». Em resumo, os pensadores portugueses que procuraram refletir o País deparavam com um problema a necessitar de explicação: como passou Portugal do glorioso empreendimento dos Descobrimentos para séculos seguidos de letargia? O Portugal real, autêntico, era o de Quinhentos, ou o que tão prolongadamente se seguiu? Porquê o crescente distanciamento dos países do Centro e Norte da Europa?

Não muito tempo depois, eu começava a participar em colóquios e congressos apresentando comunicações em que atirava ao papel o que nas aulas ia ensinando. A minha preocupação não foi nunca dar explicações novas, tratava-se antes de, à luz das leituras teóricas que apaixonadamente fazia em Filosofia das Ciências Sociais, me interrogar sobre os textos portugueses que se me deparavam.

No princípio dos anos 80 tinha já um volume organizado com oito capítulos, cujo título era *A Obsessão da Portugalidade*¹. Escrevi à Imprensa Nacional-Casa da Moeda, então dirigida por Vasco Graça Moura, que aceitou publicá-lo. A verdade, porém, é que acabei por nunca enviar o original definitivo². Solicitações diversas levavam-me aqui e ali e fui-me distraíndo, publicando *trabalhos* em livros coletivos e em revistas, daí resultando um potencial volume em crescendo contínuo. Cheguei a pensar em dois volumes. Os anos passando foram e depois eram já três; mais anos rodados, e quatro, mesmo cinco volumes planeados a partir do inicial. Apenas um capítulo (sobre Fernando Pessoa e as suas preocupações com Portugal) foi afinal publicado em livro: «*Mensagem*»: *Uma Tentativa de Reinterpretação* (1987). Quanto mais os anos passavam mais difícil se me tornava conseguir tempo para preparar os livros para publicação: tratava-se não apenas reunir de textos tematicamente próximos, mas de trabalhá-los devidamente como unidades independentes.

Tal só voltou a acontecer de novo com os textos sobre Pessoa (*Pessoa, Portugal e o Futuro*, Gradiva, 2014). A situação tornava-se mais complexa pelo facto de muitos dos textos terem sido escritos e publicados em inglês (alguns deles em francês), havendo que traduzi-los e sobretudo que adaptá-los, pois um ensaio sobre Portugal dirigido a estrangeiros tem de ser modificado se o destinatário é português. Ia-os escrevendo, pensando-os como

capítulos para este e aquele volume, mas adiando *sine die* esse outro trabalho editorial, porque continuava ocupado na escrita de outros ensaios para aqui e para ali, cada vez mais de encomenda.

Foi necessário alguma determinação, bem como algumas decisões importantes. Resolvi então fazer apenas leves retoques formais, em vez de atualizar os textos, pois isso implicaria reescrever tudo de modo a integrar os trabalhos de outros autores que foram surgindo³, e continuar eternamente à espera duma oportunidade que nunca chegaria, nem mesmo (prevejo pelo andar da carruagem) quando um dia vier a aposentação.

2. Durante dúzia e meia de anos não publiquei nenhum livro de ensaios. Limitei-me a volumes de crónicas⁴, muito mais fáceis de reunir. Uma crónica fica sempre como está. Ou vai para o lixo, ou se salva numa coletânea. Às minhas, chamei-lhes «ensaios em mangas de camisa» porque elas eram, de facto, versões abreviadas dos ensaios que ia escrevendo em simultâneo e publicando por aqui e por ali. Elas vestiam, porém, uma roupagem leve e salpicavam-se de humor, pois nos jornais ninguém aguenta textos longos ou maçudos. Porque a partir de 2009 comecei finalmente a reunir os ensaios em volumes⁵, fui volta e meia recebendo comentários do género: «Ah! Finalmente deixaste-te do humor e atiraste-te aos textos sérios.» Ou esta variante: «Deu-te finalmente a fúria de escrever. Agora todos os anos é um livro novo.»

Lá tive que pacientemente esclarecer o que já explicara nos próprios livros. Que nem uma coisa nem outra, pois o facto de só agora surgirem, isso não significa que os esteja a redigir nesta altura. Que também não mudei de género nem de estilo, porquanto desde cedo escrevi e continuo a escrever e a publicar em simultâneo crónicas, diacrónicas, contos, estórias, ensaios; apenas estou a coligir textos por temas e géneros, sem isso significar ter sofrido qualquer mudança de personalidade e (se calhar infelizmente)

nem sequer ter mudado de pensar. Trata-se, pura e simplesmente, de arrumar os escritos de uma vida em gavetas separadas. Outros se seguirão, espero, enquanto continuo a escrever crónicas e a viver como se nada disto interessasse para o que quer que fosse.

3. A primeira metade do presente volume é um desenvolvimento da introdução inicial do volume prometido a Vasco Graça Moura, a que supostamente daria o tom. Fundamentalmente, o meu contributo para a reflexão nacional sobre as questões da identidade pretendia espremer conceitos, extraindo-lhes o sumo e introduzindo um pouco mais de escrutínio, procurando trazer alguma serenidade ao debate, que por vezes se tem deixado enredar em polémicas fúteis ou embarcar em desvarios sem a menor preocupação do rigor⁶. Vocábulos como *identidade*, *língua*, *lusofonia* necessitavam de ser passados a pente fino para se evitar discussões tornadas inúteis sempre que cada um usa um termo com um sentido particular, sem se aperceber de que isso condena definitivamente, à partida, uma conversação a não conduzir a nada. Foi por essa razão que optei por juntar a esses textos os que compõem a segunda parte deste volume: a análise do semanticamente carregado vocábulo *saudade*, bem como esse outro, *estrangeirado*, que nos abre para o problema dos valores, temática que subjaz a toda a questão do atraso, decadência, ou estagnação⁷ de Portugal face à Europa do Centro e do Norte.

4. Disse atrás que o presente volume não pretende trazer qualquer novidade ao debate sobre quem somos e como somos, apenas um pouco de rigor conceptual à nossa conversa secular sobre a pátria. Mas também não posso negar que, por detrás das minhas *escaramuças teóricas* com os participantes na conversa

nacional, subjaz uma mundividência e, conseqüentemente, uma visão de Portugal. Para facilitar ao leitor o enquadramento deste livro nos seus próprios horizontes, ofereço-lhe de mão beijada o meu autorretrato implícito numa tentativa de representar em traços impressionistas a nossa pátria. A ocasião foi um número especial da revista *Grande Reportagem*, quando Francisco José Viegas era seu diretor. O ano era 2002; o tema «O que se passa com Portugal?». Tendo-me sido pedido um depoimento, enviei o que a seguir reproduzo e a que dei o título de «O Aquiles lusitano e a tartaruga europeia»:

Tal como Roma e Pavia se não fizeram num dia, quatrocentos anos de atraso na Europa não se apagam com um golpe de tropa.

Em Entre-Rios Portugal *went under*. Ou desceu à fossa. Ninguém ousaria prever o desmoronar-se das euforias da Expo 98, do Prémio Nobel, de Timor-Lorosae. A pátria caminhava a passos largos para o cimo do monte Branco, de onde uma cultura sempre voltada para o alto, para as nuvens, contemplaria poeticamente a Europa, na sua periferia, ainda e sempre agarrada ao chão, sem dele conseguir desprender-se por incapacidade congénita.

Quatrocentos anos de distrações à beira-mar iam ser *deleted* com um golpe do cursor no ecrã do mundo virtual. Salvar-se-iam as glórias do Barroco, as páginas de Eça, a arte popular mais genuína nas suas manifestações múltiplas, tudo, ou quase tudo, *souvenirs* desse Portugal que soube resistir às rasteiras da modernidade de cariz protestante e nórdico, pautada por pragmatismos utilitários e empíricos, sem rasgo, a medir passos e a calcular estratégias.

De há muito maníaco-depressivo (com altos e baixos distribuídos ao longo dessa curva maior de um ciclo anual que vai da descida ao inverno às alturas do sol em praia de verão), o novo Portugal Europeu vinha insuflando na última década e meia um balão de oxigénio que lhe proporcionava euforia prolongada e o deixava suspenso em alto *plateau*. Não havia por que dar ouvidos à sabedoria bíblica sobre os sete anos de vacas magras e outros tantos de gordas. Rabujices de Velho do Restelo, à margem das mentes iluminadas da nova gente que, surpreendentemente apaixonada pela História, parecia

interessar-se mais em comprá-la encadernada para as novas salas — convencida estava de que o futuro seria outro e o passado lenda decorativa apenas.

Alguém posto à distância, e ajudado mesmo por ela, não precisava ser perito em civilizações, ler muito Landes ou Max Weber, Adam Smith ou Paul Kennedy, Antero ou Rosenberg & Birdzell, para perceber que as contas não iriam dar certo; que a capacidade prodigiosa de Portugal se modernizar em tempo recorde, com telemóveis e eleições, centros comerciais e vias verdes, subsídios e internet, euros no bolso e Eros na TV, não significava mudança de fundo mas maquilhagem de superfície, ilusória e fugaz que, mais cedo ou mais tarde, haveria de esbarrar no *placard* das estatísticas europeias — onde os números são implacáveis e as tabelas classificativas dos idos anos 60 se mantêm ainda: a Grécia a fazer-nos sombra por cima e, no andar de baixo, a Turquia preparando-se para nos aparar a queda.

Foi largo o salto de Abril, e quase 30 anos de revolução sacudiram-nos de um antigo e prolongado torpor. Porém, a Europa e o mundo moderno não cruzaram entretanto os braços a contemplar e aplaudir o brilharete lusitano. Daí que se materializasse no caso o paradoxo da história de Zenão, de tal modo o feroso Aquiles parece correr sem jamais conseguir alcançar a tartaruga.

Se calhar errou quem falou em decadência e nós nunca vivemos no paraíso terreal. Apenas em Quinhentos nele entrámos por acaso, para dele nos escaparmos a sete pés logo de seguida. Talvez a nossa História seja a de um ritmo diferente que não valha a pena tentar alterar por inalterável. Que o não é, embora a mudança custe. E custe mais ainda por se não saber ao certo onde se deve apressar o passo ou manter o antigo, nem mesmo se será possível andar aqui com passo lesto e acolá não dar passo nenhum. Ou se valerá mais preservar-lhe o doce ritmo de fim de semana.

O passado pesa-nos tiranamente sobre os ombros. Jogá-lo fora é ilusório, qualquer avanço sem ele vai fazer-nos voltar atrás a buscá-lo. Viajar com ele, incrustado que está nos nossos hábitos, não é porém tarefa fácil. As escolhas feitas em liberdade têm a desvantagem de nos privar de bode expiatório, deixando cair sobre nós próprios as responsabilidades e eventuais culpas, mas também o mérito, no caso de serem acertadas.

E não haverá partido capaz de milagres. Os *graffiti* anarcas de Abril sabiam-no bem: Damos balões!¹⁸

5. Posta esta confissão, avanço para outra, também de fundo, para estabelecer certos dados e evitar confusões desnecessárias. Escaldado em debates diversos, por vezes em lugares tão sacrossantos como a Universidade de Coimbra — onde fui acusado de «essencialista» (na altura não circulava ainda o termo, hoje bastante vulgarizado) por um catedrático que revelou clarissimamente nunca ter lido nada meu sobre o assunto —, vou cometer a imodéstia de me autocitar, reproduzindo parágrafos sobre o problema da identidade nacional ou cultural (ou outro adjetivo que se lhe queira justapor). Dez anos antes dessa acusação, eu havia escrito sobre idêntica problemática parágrafos do seguinte teor, aplicados aos Açores e à tão decantada «açorianidade», termo cunhado por Vitorino Nemésio muito, muito antes de existir a palavra *portugalidade*⁹. Proponho que o parágrafo abaixo seja agora lido substituindo-se *Açores* e *açorianidade* por *Portugal* e *portugalidade*:

Uma coisa, todavia, será aceitar, assumir o passado — componente importante para o equilíbrio psicológico individual e coletivo — e outra usá-lo como figurino do futuro. A açorianidade não deve acarretar consigo imperativos metafísicos de insularização [*insularização* pode manter-se quando debatemos Portugal] para além dos que o mar nos impõe. Ela deve ser, acima de tudo, a aceitação dos Açores como lugar de nascença e que viaja connosco não como freio, mas como presença afetiva. Ponto de partida e não ponto de chegada. Na História, o é faz-se no sendo. Se a ideia de açoriano hoje nos vem do percurso histórico desse povo até aqui, também no futuro ela sê-lo-á, e o que daqui até lá formos estará incorporado nesse futuro conceito de açorianidade. Para bem ou para mal nosso, os grupos culturais nunca se afastam radicalmente do seu passado, mas também não estão predestinados a repeti-lo. Nas continuidades culturais há lugar para desvios, alterações, transformações, aquisições e até mesmo descontinuidades, que podem ser evidentemente julgadas sob

diversíssimos pontos de vista e consideradas cada uma delas como progresso ou regresso, evolução ou decadência. O leque é aberto e relativamente vasto. As opções, felizmente variadas. Se é possível chegar-se próximo de um consenso sobre o passado da açorianidade — que ela foi até aqui —, não se pode fazê-lo para o futuro. Ele constrói-se no acontecer cultural do dia a dia dos açorianos.¹⁰

Dito assim mesmo, com essa clareza antiessencialista, muito antes da chegada da... mão de Alice. Não haveria necessidade de me exceder nesta autocitação, não fora o surgimento desse incidente. Outros textos antiessencialistas se seguiram, agarrando de frente a questão portuguesa. Publicados em respeitadas revistas académicas de Lisboa, nada garante que tivessem sido lidos em Coimbra, como ficou claro. Aliás, alguns deles estão incluídos no presente volume, onde, datados e com todas as referências bibliográficas, podem agora servir de testemunha no referido caso. Se é que isso importa para alguma coisa, para além de me deixar sereno de consciência.

6. As notas de rodapé costumam fazer torcer o nariz a muitos leitores. Avanço por isso um conselho: são perfeitamente dispensáveis, isto é, pode ler-se perfeitamente este livro sem elas. Que fiquem, pois, para quem quiser esmiuçar um pouco mais as questões.

7. Postas todas estas considerações preliminares e registados que foram uns quantos *caveats*, se o estimado leitor já foi perdendo a paciência, só resta a esperança de que a recupere lendo as páginas seguintes¹¹.

*Providence, Rhode Island,
17 de junho de 2016.*

NOTAS

¹ Ao longo destes trinta e tantos anos, já referi tantas vezes este título e volta e meia encontro a expressão usada por aqui. Não me admirará por isso se alguém achar que estou a plagiar. Ocorre-me, a propósito, a estória do meu saudoso amigo Fernando Aires, autor do belíssimo diário *Era Uma Vez o Tempo* (reeditado num volume único pela Opera Omnia, em 2015), que adorava Paris e prometeu anos a fio sair da ilha e levar a mulher a essa sua cidade-maior. Prometeu-lhe tantas vezes que a Idalinda comentava: «Ele já me falou tanto naquela viagem que até me parece que já lá fui!»

² Fica assim explicada a dedicatória do presente volume. O meu primeiro contacto com Vasco Graça Moura foi esse. Depois, encontrámo-nos aqui e ali, sem nunca porém irmos além de uma relação cordial. Eu poderia, por isso, dedicar este livro a vários amigos bem próximos, todavia sinto em consciência a obrigação de o fazer a Vasco Graça Moura neste momento e de finalmente cumprir a minha palavra, entregando-lhe simbolicamente o livro. Mas esta dedicatória é também uma simples homenagem ao papel por ele desempenhado naquela casa editorial, bem como à sua impressionante obra literária.

³ Seria ajuizado não destacar nomes, mas por outro lado também uma injustiça não referir os vários livros que Miguel Real tem dedicado à cultura portuguesa e à questão de Portugal. O mesmo se diga dos escritos de pensadores da estirpe de José Mattoso e Guilherme d'Oliveira Martins, por exemplo. Seria igualmente indesculpável não referir o sintético (e até de preço módico) *Portugal, Portugueses: Uma Identidade Nacional*, de José Manuel Sobral (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2012). Analisar devidamente essas obras implicaria escrever outro livro, ou então nunca mais terminar este.

⁴ *Que Nome É Esse, ó Nézimo? — e Outros Advérbios de Dívida* (Lisboa: Salamandra, 1994; 3.^a ed. Círculo de Leitores, 2004); *Rio Atlântico* (Lisboa: Salamandra, 1997); *Viagens na Minha Era* (Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2001); *Livro-me do Desassossego* (Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2006). Ainda por seleccionar e reunir em livro estão as crónicas que a partir de 2006 continuei a publicar na revista *Ler*, no *Jornal de Letras* e em vários outros periódicos. Devo acrescentar que publiquei também uma peça de teatro que resume o que ainda hoje penso sobre a identidade (no caso, açoriana, mas a questão de fundo não se altera): *No Seio desse Amargo Mar* (Lisboa: Salamandra, 1991). Um outro livrito de carácter bem pessoal, sob forma de prosa poética, deixa à mostra um conjunto de valores de fundo que atravessam toda a minha escrita, quer ensaística quer literária: *Onze Prosemas (e Um Final Merencório)* (Porto: Ausência, 2004).

⁵ *De Marx a Darwin — A Desconfiança das Ideologias* (Lisboa: Gradiva, 2009); *O Peso do Hfên. Ensaios sobre a Experiência Luso-Americana* (Lisboa: Imprensa das

Ciências Sociais, 2010); *Açores, Açorianos, Açorianidade — Um Espaço Cultural* (reed. alargada, Instituto Açoriano de Cultura, 2011); Pessoa, *Portugal e o Futuro* (Lisboa: Gradiva, 2014); *Minima Azorica. O Meu Mundo É deste Reino* (Companhia das Ilhas, 2014); *Despenteando Parágrafos. Polémicas Suaves* (Lisboa: Quetzal, 2015).

⁶ É importante deixar aqui registado que a confusão acerca destas questões está longe de ser exclusivamente portuguesa. Ainda não há muito cruzei-me na internet com afirmações deste quilate sobre a língua segundo Claude Hagège: «*Pour le grand linguiste Claude Hagège, le constat est sans appel: jamais, dans l'histoire de l'humanité, une langue n'a été "comparable en extension dans le monde à ce qu'est aujourd'hui l'anglais". Oh! il sait bien ce que l'on va dire. Que la défense du français est un combat rancé, franchouillard, passéiste. Une lubie de vieux ronchon réfractaire à la modernité. Il n'en a cure. Car, à ses yeux, cette domination constitue une menace pour le patrimoine de l'humanité. Et fait peser sur elle un risque plus grave encore: voir cette "langue unique" déboucher sur une "pensée unique" obsédée par l'argent et le consumérisme. Que l'on se rassure, cependant: si Hagège est inquiet, il n'est pas défaitiste.*» (Claude Hagège, «Imposer sa langue, c'est imposer sa pensée», Bélgica, LeVif.be) O ridículo da posição de Claude Hagège ficará — espero — claramente demonstrado após a leitura dos textos inseridos na segunda parte deste livro.

⁷ Tenho escrito em vários lugares sobre esta temática e tenciono reunir esses textos num volume semelhante ao presente.

⁸ *Grande Reportagem*, 2.ª série, n.º 132, março de 2002.

⁹ Já afirmei e escrevi várias vezes, sem obter qualquer eco ou correção, que a palavra *portugalidade* é relativamente recente. Começou a circular nos *media* depois do 25 de Abril, mas é provável que tenha surgido antes (estou mesmo em crer que a encontrei uma vez ou outra). De qualquer modo, duvido que isso tenha ocorrido em publicações anteriores à década de 60. Nemésio cunhou *açorianidade* em 1932, a partir do termo *hispanidad* (v. Vitorino Nemésio, «Açorianidade», em *Insula*, número especial comemorativo do V Centenário do Descobrimento dos Açores, n.ºs 7-8, julho-agosto, Ponta Delgada, 1932, p. 59).

¹⁰ «Açorianidade — equívocos estéticos e éticos», em *Da Literatura Açoriana. Subsídios para Um Balanço* (Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 1986). O texto foi lido num simpósio sobre literatura açoriana na Brown University, em 1983, e posteriormente incluído, «em jeito de posfácio», na reedição de *Açores, Açorianos, Açorianidade — Um Espaço Cultural* (Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, 2011).

¹¹ Não posso deixar de agradecer a duas pessoas que muito contribuíram para que estes textos saíssem com um mínimo de deslizes possível: primeiro,

à minha mulher e colega, Leonor Simas-Almeida, que tem a doce paciência de ler tudo o que escrevo, dizendo livremente da sua justiça e fazendo muitas e muitas sugestões que eu aceito quase sem nunca discordar. A outra é o Vasco Medeiros Rosa, a primeira pessoa que leu os textos no seu conjunto, como um livro, e fazendo minuciosas mas importantes sugestões formais.